

# Economia melhora, e Argentina reabre mercado para o Brasil

Exportação para país vizinho cresce 55% no 1º semestre e pode ser válvula de escape para tarifaço de Donald Trump

Por Marcelo Okabe — De São Paulo  
29/07/2025 09:08 — Atualizado às 10h

A ligeira melhora econômica obtida pelo governo do presidente Javier Milei e a valorização — em alguma medida artificial — do peso têm impulsionado a retomada das exportações brasileiras para a Argentina. O movimento traz alento ao setor externo brasileiro, que sofre com preços mais baixos de commodities e incerteza nas relações comerciais com os Estados Unidos.

As exportações para a principal economia do planeta viriam crescendo nos últimos anos — ainda que longe de ameaçar a liderança da China —, mas devem sofrer um baque com o cada vez mais produtivo início das tarifas de 50% para produtos brasileiros anunciado pelo presidente Donald Trump. Embora a pauta de exportação brasileira para ambos os países tenha perfil menos dominado por commodities e com maior presença de produtos de maior valor agregado, economistas se dividem sobre a capacidade do vizinho de absorver parte da produção normalmente dirigida aos EUA.

Entre janeiro e junho, as exportações à Argentina somaram US\$ 9,120 bilhões, alta de 55,4% em relação ao mesmo período do ano anterior, segundo dados compilados pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic). Com isso, o país assegura o posto de terceiro principal destino dos produtos brasileiros, que chegou a ser ameaçado em 2024 pela Holanda. A recuperação das compras pela Argentina é algo que já era perceptível desde o fim do ano passado, nota Gabriela Faria, economista da **Presidência** Consultoria. "O perfil das nossas exportações segue parecido: veículos de passeio, partes e acessórios para veículos, produtos industriais, máquinas elétricas e outros itens relacionados à indústria de transformação, como plástico", explica.

Indivisiualmente, a categoria veículos (automóveis, tratores, ciclôs e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios) led e o crescimento das exportações em valor, com crescimento de 121,8% no primeiro semestre, na comparação com igual período de 2024, segundo dados da Secex.

Já de acordo com a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), as vendas de veículos ao vizinho cresceram 59,8% nos seis primeiros meses do ano, para 264 mil, já a participação da Argentina no total exportado quase dobrou, de 34% para 60%. E também o patamar mais alto desde 2018 (66%).

"O câmbio argentino se valorizou muito no período, prejudicou a competitividade do produto de lá. Como as montadoras que atuam aqui e lá são as mesmas, existe uma estratégia de exportar a partir do Brasil, inclusive para lá", diz Lia Valls, coordenadora do indicador de Comércio Exterior (Icome), do FGV Ibre.

Desde dezembro de 2023, quando Milei assumiu a Presidência, o peso acumula valorização nominal de 54,8%. De lá para cá, a política de choque econômico também começa a render frutos. Após contrair 1,7% em 2024, o PIB do país cresceu 0,8% no primeiro trimestre, na comparação com o trimestre anterior, e 5,8% ante igual período de 2024.

Segundo analistas, a recuperação das compras argentinas foi puxado principalmente pela forte expansão do consumo das famílias e dos investimentos, que também levou as importações a um salto: alta de 42,8% no período.

Outro fator que tem ajudado o exportador brasileiro é a demorada de barreiras não tarifárias, como licenças de importação e restrições a pagamentos, nota o ex-secretário de Comércio Exterior e sócio da consultoria BMJ, Walter Barrai.

♦♦

## O câmbio argentino se valorizou muito, prejudicou a competitividade do produto de lá

— Lia Valls

"Era algo muito complicado. Já recebi ligação de cliente meu dizendo que esperava há 12 meses autorização para receber pagamento por parte do banco central argentino", conta.

A situação agora é outra, continua. As reclamações são cada vez menos numerosas, e a recuperação econômica também tem despertado o interesse de empresas brasileiras em investir no vizinho. Barrai cita a aprovação recente do regime de incentivo para Grandes Investimentos (RIGI) — que busca dar segurança ao investimento estrangeiro e também benefícios fiscais, aduaneiros e cambiais — como fator que tem ajudado a aumentar o interesse em se instalar por lá, em especial por empresas do setor agrícola e de mineração.

Outro setor que tem se beneficiado dessa retomada foi o de máquinas. Segundo dados da Abimaq, houve crescimento de 55,3% das vendas do setor nos seis primeiros meses, totalizando US\$ 760,2 milhões.

"Todos os setores tiveram crescimento das compras argentinas, exceto máquinas para petróleo e energia renovável", nota a diretora-executiva de Mercado Externo da Abimaq, Patrícia Gomes.

A Argentina é o segundo maior comprador do setor representado pela Abimaq, com 13,4% das exportações, atrás apenas dos Estados Unidos. Para Gomes, os sinais são positivos, mas uma recuperação maior ainda precisa ser encarada com cautela.

"O cenário agora é diferente, existe mais concorrência, principalmente por parte dos países asiáticos. Além disso, o cenário internacional não ajuda, já que este é um setor muito sensível a problemas de confiança sobre a economia", diz.

Para Lívio Ribeiro, sócio da consultoria BRQC e pesquisador do FGV Ibre, a recuperação das vendas à Argentina ocorre mais por conta da base de comparação ruim. "Ano passado foi catastrófico do ponto de vista do crescimento econômico. Esse ano, com a melhora do ambiente econômico, sistema de preços funcionando, a economia pega no tranco", diz. As vendas ao país vizinho seguem distantes do pico mais recente, em 2011, quando o Brasil exportou US\$ 22,7 bilhões para lá.

A retomada do parceiro do Mercosul, por outro lado, pode ajudar o Brasil na dura tarefa de redirecionamento das exportações tradicionalmente destinadas aos Estados Unidos, mas que devem sofrer com a possível chegada do tarifaço promovido por Donald Trump.

"Não é exatamente a mesma cesta — os EUA compram muito avião, por exemplo, que não serão comprados pela Argentina. Mas ambos têm um perfil similar no sentido de que importam bens industriais, muito comércio intrafirma. É muito diferente da pauta média brasileira de exportação, concentrada em commodities", explica Ribeiro. "Então a Argentina é um candidato mais adequado que outros parceiros para esse redirecionamento."

Já a diretora da Abimaq é mais cética quanto a essa possibilidade. "É um mercado natural, já que faz parte do Mercosul. As empresas que começam a exportar naturalmente olham a América do Sul e Argentina. Só que não é uma mudança tão rápida de se processar", diz. "Muitas empresas são de capital americano e produzem aqui de olho no mercado americano. Além disso, as empresas podem fazer muitas exigências de ordem técnica, o que dificulta o processo."

Barrai também vê um potencial pequeno nesse sentido. "Em vários produtos que o Brasil exporta para os EUA — frutas, grãos, carnes —, a gente compete com a Argentina. Além disso, o mercado argentino é muito menor que o americano", sintetiza.